

# Projecto I & Laboratório I – Fase 4

*"The judges of normality are present everywhere. We are in the society of the teacher-judge, the doctor-judge, the educator-judge, the 'social-worker'-judge; it is on them that the universal reign of the normative is based; and each individual, wherever he may find himself, subjects to it his body, his gestures, his behaviour, his aptitudes, his achievements"*

Segundo Michel Foucault, tendemos para a normalização da humanidade. Quando pensamos na Internet como um arquivo democrático, aberto e acessível a todos, não notamos que existem filtros 'invisíveis' que afectam os resultados que nos são fornecidos como resposta às questões por nós postas ao arquivo digital. Seguindo esta linha de raciocínio, podemos perguntar: "Estaremos nós também a assistir, no mundo digital, à criação de uma sociedade de algoritmos-juizes?"

Eli Pariser dá-nos a conhecer na sua TED talk *Beware Online 'Filter Bubbles'*, que enquanto as várias empresas gigantes da web procuram adequar os resultados das interações dos internautas aos seus gostos, o que acaba por acontecer é que se criam 'bolhas de conteúdo', fora das quais, os internautas não conseguem aceder a novas ideias.

## Contributo pessoal

Na fase 3 do nosso projeto, a Anett e eu (uma vez que 'perdemos' o Joel como terceiro elemento) tínhamo-nos debruçado sobre a questão do 'curador' como filtro necessário para criar a ordem, no caos do arquivo digital. Com a entrada do Rui Moreira, como novo terceiro elemento do grupo, fizemos uma revisão ao caminho até então trilhado, por forma a conseguir incorporar num todo, os nossos interesses diferentes. Desta forma, o Rui trouxe consigo a ideia de um arquivo participado, um arquivo vivo e em crescimento (que se reflectiu na criação de uma base de dados – centro nevrálgico do nosso objecto – e de uma área de upload de documentos para essa base de dados).

Desde o início que ficou claro para todo o grupo que a fase 4 do nosso trabalho seria um objecto que questionasse então a necessidade, ou não, da existência de filtros nos arquivos digitais. De forma conceptual, planeámos um arquivo vivo e em evolução, com tamanha quantidade de informação que cada utilizador seria confrontado com um vortex de dados acessíveis.

A minha linha de interesse para esta questão estava em saber se conseguiríamos criar ideias verdadeiramente novas, através da utilização de filtros, quando acedemos a um arquivo. Partilhei com o grupo este conceito, de que uma ideia nova nasce, biologicamente, do choque de duas ideias adjacentes.

Julgo ser bastante interessante a questão de se a partir do acesso a um arquivo digital e do seu uso poderá, ou não, nascer conhecimento realmente novo. O arquivo permite (responde) de forma a acrescentar conhecimento, ou apenas perpetua os nossos preconceitos?

Desta forma, a questão que se tinha tornado central a todos os elementos do grupo, da necessidade de filtragem de resultados de um arquivo, mas também – em fase

posterior – da existência de filtros ‘impostos’ pelos motores de busca, enquadrando-se naturalmente na minha questão pessoal.

## **O objecto**

O arquivo que criámos tem duas abordagens paralelas. Por um lado, tem em si mesmo um sistema de participação da comunidade e de recolha de dados que permite acumular informação sobre o real uso do mesmo, por forma a conseguirmos responder à questão inicial da necessidade, ou não, da existência de filtros (no nosso caso, baseado em filtros comunitários e em palavras-chave).

Estes dados são recolhidos e publicados em tempo real, por forma a espelhar perante a própria comunidade a utilização desses filtros.

A segunda abordagem prendia-se com a questão dos filtros impostos pelos próprios motores de busca. Por forma a apresentar um arquivo que criticasse esta questão, desenvolvemos um arquivo que para cada resultado buscado apresentasse, também, uma série de resultados aleatórios. Assim, o nosso arquivo estaria ‘imune’ a qualquer tipo de filtragem por parte do próprio arquivo e da utilização que a comunidade lhe desse.

A apresentação desta lista ‘dual’ de resultados está também muito próxima da minha questão pessoal da criação de novas ideias através da utilização de um arquivo, uma vez que os diferentes pares de resultados apresentam infinitas possibilidades de choque entre informação que não tinha sido relacionada, nem pelo arquivo e a sua comunidade (através de palavras-chave e do filtro de comunidade acima mencionado), nem pelo próprio utilizador, uma vez que esses pares em nada estão relacionados, como resposta a uma busca do próprio utilizador.

Através dos dados recolhidos acima descritos, também esta minha questão pessoal poderia ser respondida.

## **Conclusão**

Uma vez que nem todas as componentes do nosso arquivo ficaram totalmente desenvolvidas, dificilmente poderíamos apresentar respostas, tanto para a questão em grupo ‘da necessidade de filtros em arquivos’, ou para a minha questão pessoal ‘de se é possível a ocorrência de momentos de serendipity’ em arquivos sem qualquer tipo de filtros. De qualquer forma, a criação conceptual que desenvolvemos permitir-nos-ia conseguir responder, com alguma veracidade científica e estatística, a esta pergunta uma vez que o arquivo estivesse funcional e se tornasse usado por uma comunidade crescente.

No que toca à crítica da pré-existência de filtros na busca de dados, considero que o nosso projeto coloca questões interessantes através da utilização do mesmo. Em primeiro lugar, a solução de acrescentar conteúdos à página inicial e ao âmbito de resultados possíveis a cada busca, sempre que se dá uma interacção do internauta, confronta o utilizador com um arquivo que se ‘desenrola’ e se abre a cada utilização, tornando-se transparente através da utilização. Por outro lado, a apresentação de resultados, de igual forma, que possam estar completamente afastados das intenções de busca do utilizador, confrontam o mesmo com um arquivo sem ordem, vivo e irregular, embora também potenciador de encontros, não esperados, de novas e interessantes ideias.